

# O ESPECTRO

*Admonet in somnis et turbida terret imago.*  
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

## Lisboa, 2 de fevereiro

Às tres horas e meia da tarde, do dia de hontem largou o ancoradouro o brigue *Audaz*, rebocado pelo vapor *Terceira*, conduzindo a seu bordo uns quarenta e tantos prisioneiros de Torres Vedras para as costas d'Africa.

As illustres victimas levam as sympathias do povo lisbonense, e deixam para os seus verdugos a execração de nacionaes e extranhos. O alto de Santa Catharina e o das Chagas estavam cheios de espectadores, que lamentavam este acto de barbaridade.

Desde o infausto dia 23 de dezembro os martyres da sua nobre e desinteressada lealdade tem sido privados de toda a consolação, de tudo quanto lhes é caro — Mettidos no porão d'um navio, sem ar, sem luz, tem soffrido todos os tormentos que lhe decretára um governo feroz e brutal.

Ainda na hora do apartamento, e em todo o tempo desde que se decidiu a sahida d'elles, se lhes negou toda a entrevista com suas familias. Se algumas a obtiveram foi por graça especial dos sultões.

Foi geral a indignação na capital, e aqui comprehendemos todas as côres politicas. Só os devassos exultaram — só esses que vendem o seu rei, a sua patria e o seu Deus.

Vimos esposas desoladas quererem-se despedir de seus maridos e não poderem! Vimos o seu pranto, e vimos a cidade consternada receber e enxugar as suas lagrimas!

Vimos o povo sensibilizado, e o coração do rei duro como uma rocha!

Vimos tudo isto, e não nos admirámos, porque conhecemos a fundo as virtudes do povo e os vicios dos principes.

A esposa do conde de Villa Real (D. Fernando) levantou-se do seu leito de dôres acompanhada da condeça de Rio Maior irmã d'elle para se despedirem de seu esposo e irmão; e de bordo partiram para o paço das Necessida-

des implorar em seu auxilio a clemencia da soberana.

Clemencia? Não dizemos bem, que ainda não havia lugar para ella. A clemencia suppõe culpa, a culpa suppõe processo, e a justiça não pronunciára ainda o seu *verdictum* solemne.

Acharam a rainha mas não acharam graça perante ella. Não é á porta do palacio aonde o triste hoje encontrará consolação—não é na mansão do tyranno aonde a innocencia buscará abrigo.

E não se pedia clemencia pedia-se justiça. Era uma esposa moribunda, eram a esposa e irmão d'um homem que se tinha arriscado por essa mesma rainha, que deixára uma perna no campo da batalha; eram estes seres fracos e debeis por natureza mas fortes pela virtude, que imploravam a mudança de prisão! Era uma esposa que julgando-se a caminhar para a sepultura queria soltar o ultimo suspiro não longe da prisão de seu esposo! Era a ultima consolação da humanidade depois de Deos, era o seu viatico, a sua extrema-unção—era a despedida derradeira entre o mundo e a eternidade.

A capital presenceára em silencio esta romaria das duas formosas damas. O embarque e desembarque d'ellas, a vista d'uma cadeirinha que indica sempre uma existencia precaria e amargurada, tinha feito amontoar o povo na sua passagem, e todos esperavam allivio para tantas maguas. Só o *Espectro* não esperava: a voz da desgraça sempre insinuante, e muito mais sahida d'aquelles labios angelicos, poderia abrandar os tygres da Hircania, mas uma rainha teimosa cria carne com o choro das victimas, e só a mortificaria o seu prazer.

Fizeram o seu dever as duas nobres senhoras. As lagrimas ficam bem á afflicção e á innocencia. A côrte folgou com essas lagrimas—não importa. O bello sexo tambem deve sentir os seus furores. Nobre e plebeo, grande e pequeno, rico e pobre, homens e mulheres todos



devem conhecer as qualidades de semelhante gente.

Bellas damas, chorastes e a côrte riu-se!! Pois não choreis tambem quando a rainha chorar e a sua côrte. A rainha ouviu em 6 de outubro as queixas dos conspiradores sem ouvir os seus ministros, e hoje recusou ouvir as vossas! Perguntai a vós mesmas se então correram lagrimas mais puras! A proscricção é uma consequencia do *programma real*. A proscricção é a morte sem processo nem sentença—é um castigo que o proprio D. Miguel nunca infligiu!

O *Espectro* lamenta a sorte das victimas, mas applaude os delirios da côrte—applaude-os porque cavam a sua ruina, e uma côrte despotica manda Deus que acabe breve.

Cidadãos! o partido popular obteve mais um triumpho. O sangue das victimas é como o do Redemptor—só cahe sobre os que o derramam, e serve para nos livrar do captivo do peccado.

A hostia que offerecemos a Deus é pura e immaculada. De quarenta e tantos presos só tres não desembarcaram no Mindello! Não é o homem, é a liberdade que pune.

O visconde de Oliveira levantou-se em 1844 contra e gual procedimento dos Cabraes—hoje é elle que o decreta!

Para maior tortura concederam apenas um espaço de 28 palmos de comprido para quasi cinquenta presos!

Estes dias teem obrigado a comer os prisioneiros n'uma bandeja com colher de pau. Bandeja é uma especie de celha ou gamella de pau!

Por cumulo de tyrannia quizeram despojar os prisioneiros do dinheiro e comestiveis que levavam! Queriam talvez fazer um brodio ministerial, ou dar um banquete á côrte com o sustento dos desgraçados! Queriam apanhar esses tantos réis com que um fidalgo christão tinha consolado a pobreza desvalida!

Honra á coragem do sr. D. Fernando. S. ex.<sup>a</sup> protestou que antes lançaria tudo ao mar do que entregar á voracidade cabralista o que lhe fora confiado para sustento d'elle e de seus infelizes companheiros.

E a tyrannia que não se abranda com lagrimas cedeu diante d'esta energica resolução.

Ide pois, valentes cidadãos.—A patria chora por vós. Entoa e como os girondinos o hymno dos marselezes:

Contre nous de la tyrannie  
L'étendard sanglant est levé.

Como os d'elles tambem os vossos oppressores brevemente serão punidos, e passarão pelos tormentos que vos fazem soffrer.

Fazemos votos ao Ceu pela vossa boa viagem, e pela brevidade da vinda.

O Saldanha não se atreve a encarar a cidade eterna. As povoações levantam-se apenas se acham desaffrontadas da força ministerial que as opprime.

No dia 29 do passado entrou em Thomar uma grande força popular. Diz-se que o coronel Torresão fugira de Abrantes a approximas forças nacionaes!

Parece que o barão da Solla fugira da Guarda com receio das forças do general Povoas. O *Diario* mascara esta fugida, dizendo que aquelle novo barão deixára aquella cidade porque tivera ordem de perseguir as guerrilhas. Tambem o Shwalback quando fugia de Estremoz para o Cartaxo dizia que ia começar as suas operações.

Diz-se que o barão do Almargem e o general Guedes marcharam do Porto para Braga com uma força de perto de dois mil homens.

O Shwalback está entallado no Alemtejo sem poder mecher se. As forças do conde de Mello crescem diariamente—a deserção das forças cabralistas é immensa.—Ainda um d'estes dias, segundo diz o *Diario*, se prenderam entre Samora e Benavente trinta e tantos desertores que seguiam a direcção de Evora, e *com pouco ouro (diz o mesmo Diario) se faz desertar toda a guarnição da capital*. Tal é o sentimento e a opinião do todos!

As notas do banco de Lisboa ninguem as quer—a folha commercial dá o desconto a 1\$440, mas geralmente é maior.

As acções do banco desceram. Estão a réis 270\$000 em notas! Quer dizer a 200\$000 réis em prata ou ouro, e não ha quem as queira!

Falla-se na sahida do Sousa Azevedo da fazenda, porque se attribue á sua impericia e pouca limpeza de mãos o descredito do governo, e a desconfiança na praça. Ninguem empresta uma de cinco a estes devassos, e o Saldanha e o paço gritam por dinheiro como uns possessos.

Reina muito descontentamento nos cabralistas. Ja gritam contra o Saldanha, e se não fosse a victoria de Torres tinham-no posto fóra. Todos querem comer, e como só ha notas desacreditadas, a cousa não chega a nada.

O banco não tem real, e tem fóra uns poucos de mil contos de notas. Não póde emittir as notas promissorias do banco de Portugal porque não tem numerario para as pagar á vista, e por essa razão quer contrahir um emprestimo. Começou a emprestar ao governo, e agora vae elle andar com a alcofa pelas portas.

Por mais que se espeçam decretos o desconto das notas augmenta, porque todos esses decretos são um novo meio de rapina por via do qual se querem apanhar os ultimos seitis do povo.

Diz-se que D. Manuel de Portugal quer a sua



exoneração. Parece que não está no seu genio acompanhar a rainha até Cherburgo. Todos os cortezãos assim procedem. Sousa Azevedo, Trigueiros, Farinho e outros foram as maiores limpa-botas de D. Miguel; mas apenas a sua estrella começou a declinar, empurraram no para o abysmo, e foram resar a outra capella, incensar outro idolo.

Todo o edificio está a desmoronar-se. Arrede-se o povo para não ficar esmagado debaixo d'elle.

No *Diario* de hoje lê-se o seguinte:

«Sua magestade presumindo que aquelles dos feridos que não chegaram aos hospitaes de Lisboa estariam tambem precisados da sua real munificencia, mandou distribuir egualmente duas camizas por 58 praças que se acham fóra da capital, dos feridos na occasião de Torres Vedras.

«Não é a dadiva, é o sentimento que a determinou que é grande; tão grande como o coração aonde se originou!»

(!!!!!!)

Com cinco pães e dois peixes fartou Christo cinco mil pessoas; mas com duas camizas só a rainha de Portugal se lembrou de cubrir 58 pessoas!

Guardem o ridiculo presente que abi veem alardear—Muito pobre tem repartido as suas camizas com os infelizes, e não pede o galdão. Uma realza que come 495 contos de rs. annuaes ao povo, e que se espreme tanto para dar duas camizas para 58 homens tem tanto de generosa como de juizo tem o publicador de taes miserias.

O distincto patriota, membro da associação do Sacramento, o sr. Grim Cabreira, está desde 17 de outubro ás ordens do duque de Saldanha. Di-lo o *Diario*. Parece ser a paga da traição do Castello.

Este pé-fresco foi-se apresentar ao quartel general do Saldanha aonde lhe dispensaram os seus serviços. Diz-se que viera desapontado, e que frequentará do novo os pasmatorios. A declaração official de que deve ser considerado ás ordens do Saldanha foi obtida por elle á custa de baixezas para disfarçar o desprezo em que o tem os homens francos e leaes de todos os partidos. Ama-se a traição, e aborrece-se o traidor.

No paquete inglez que sahiu para o Norte, segunda feira, vae como passageiro o sr. Henrique Walsh, pertencente á casa d'esta firma de Lisboa, para desembarcar em Vigo, e d'ahi passar a alguma terra do Minho com o fim de

se introduzir clandestinamente no Porto. Não se póde duvidar que a commissão do sr. H. Walsh será identica á que já tiveram os senhores Ruff e Garland, isto é, serem mensageiros de ordens pecuniarias para no Porto se alimentar qualquer conspiração cabralista. Baldados esforços! A junta do Porto triunfará sempre, pelas suas bem combinadas medidas, e pelo auxilio dos patriotas, de todas e quaesquer cabalas que se possam urdir por parte dos Cabraes de Lisboa, e do governo tyrannico e immoral que lhe obedece. Talvez que não seja possivel evitar que na cidade eterna sejam tratados como merecem os agentes de semelhantes cabalas, que ali se pertendem urdir.

A folha official do governo bateu as palmas porque póde arranjar uma proclamação que algum estouvado, em seu proprio nome escreveu no Porto. «*Vejam como se desenvolve a opinião publica*» (gritava o pobre *Diario* no meio da sua esterilidade) e a opinião publica era um individuo mal creado! Apanhou o *Heraldo* que dava a noticia da nossa derrota em Torres Vedras, e exclamou em vivo transporte «*Vejam como no estrangeiro somos conceituados!*»

Tambem já dezeseis vezes fallou no pronunciamento do Sardão, que só tem commettido o crime de não poder resistir ás forças do Saldanha! Um pobre com pouco se contenta.

«Por vezes temos copiado artigos das folhas estrangeiras, e não só das progressistas mas das conservadoras. Ainda continuamos n'essa tarefa, porque sabemos que a opinião é a rainha do mundo. Hoje transcrevemos diversos periodos da *Revista dos Dois Mundos* do 1.º de novembro. Abi se verá que foram os cabralistas que especularam com o nome de D. Mignel, e que se ficaram pouco airosos na empreza é porque se conta que o *Diabo uma vez carregára uma tranca*. Eis abi o que diz a *Revista*:

... «A monarchia portugueza (diz elle) apesar dos embaraços e da pobreza da corôa, tem ficado sempre, em quanto ao fundo, uma monarchia de palacio, provocando ou combatendo conspirações armadas, com intrigas de côrte, ignorante da arte difficil de tratar regularmente com os poderes politicos... Os empregados publicos, muito numerosos, e mui mediocremente retribuidos, funcionam tambem como eleitores, e são elles que até aqui teem nomeado e povoado as camaras... Homens de negocio, desembargadores feitos á pressa, militares felizes, formam hoje a nova aristocracia, no meio da qual apenas apparece algum nome antigo. D'este centro sahem todos os movimentos do paiz, por especulação dos seus chefes, como os *pronunciamentos* da America Hespanhola... A carta de D. Pedro é a consagração dos principios aristocraticos e monarchicos da antiga sociedade e do antigo governo... Esta consti-



tuição, primeiro progresso de Portugal na estrada da liberdade... é um progresso muito artificial para poder ser bem firme; é como um ministerio Villele depois d'um ministerio Polignac. Apenas esta carta foi restaurada logo contou entre os seus adversarios os mais energeticos dos defensores de D. Maria contra D. Miguel; elles julgaram que não deviam ter combatido por tão pouco... Entre a carta e a constituição de 38, e entre os adherentes mais ou menos sinceros d'estes dois codigos, está o partido da côrte, que, glorificando-se de fidelidade aos principios de D. Pedro, ainda os acha muito estreitos para suas ambições monarchicas, e amplifica-os a seu bel prazer, como succedeu no ministerio Costa Cabral, ou por meio de decretos, ou pelo modo porque as camaras legislam. N'este partido não se deve contar a rainha, se para ser d'um partido é necessario ter uma vontade constante e um espirito independente. Temo-la visto proclamar a carta em Belem em 1837, e figurar querer sustentar a constituição de 38 em Lisboa em 1842. Toda entregue a seu marido o principe Coburgo, a rainha é mais o instrumento do que o apoio de certas pertenções desregradas e mal justificadas. Fernando de Coburgo e seu conselheiro Dietz, não teem senão um fim, alcançar o poder absoluto para a corôa. Em 1842 acharam elles em Costa Cabral um auxiliar como todos sabem. Membro d'um gabinete setembrista, esse homem tomou sobre si a empresa de restabelecer por um *golpe de mão* a carta de D. Pedro, e trabalhou depois quatro annos em cercear as liberdades que ella outorgava. Expulso por uma revolução emprevista, agora é de novo exalta-

do por seus amigos do palacio das Necessidades, que impudentemente jogam a corôa da sua rainha para proveito das suas ambições individuaes.

«Talvez não haja na historia de todas as côrtes e gabinetes estrangeiros intrigas mais complicadas e mais misturadas de rivalidades pessoaes, do que estas intrigas subterraneas que acabam de derribar o ministerio Palmella, depois de o haverem minado desde o primeiro dia da sua existencia. O duque de Palmella podia ter dictado a lei no momento da fuga dos Cabraes; mas recebeu lançar-se nos braços da revolução, armar as guardas nacionaes, arrostar de frente as difficuldades, e perdeu-se com a idéa de organizar um terceiro partido... A côrte de Lisboa, fórte com o apoio da de Madrid, empregou-se toda a neutralisar a commoção popular... A insurreição miguelista quasi que sahio d'estas secretas machinações... O antigo gabinete gardava em Lisboa os meios de a perpetuar... Costa Cabral tinha resolvido especular com o nome de D. Miguel para criar um embaraço mais a seus successores... Quando os miguelistas viram que se acreditava ainda no seu prestigio, quizeram naturalmente aproveitá-lo e tomaram um corpo maior do que esperavam os que lhe haviam dado animo.

«A má vontade do banco e dos capitalistas, a necessidade geral, e a escassez de numerario, foram habilmente aproveitadas e foram mais funestas que tudo ao ministerio Palmella... Chegado o momento assim astuciosamente preparado, bastou uma noite para destruir tudo, ministerio e constituição.....»